

10

**Crianças
e jovens
e a preparação
do “craque”**

JOSÉ ALBERTO AGUILAR CORTEZ

ANTONIO CARLOS SIMÕES

RENÊ DREZNER

CONRADO PEREIRA DA COSTA

ALEX RONEY RIBEIRO DE OLIVEIRA

RESUMO

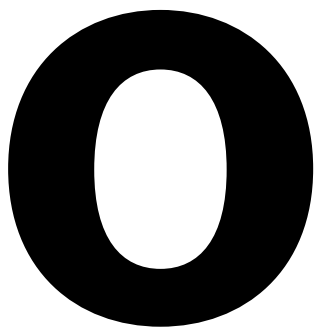
Os dirigentes do futebol brasileiro nunca se preocuparam com a formação dos treinadores das categorias de base. Para treinar crianças e adolescentes, a opção preferida era aproveitar ex-jogadores que precisavam continuar trabalhando para sobreviver. Entretanto, a grande experiência adquirida como profissional de futebol foi, e continua sendo, insuficiente para compreender o processo de crescimento e desenvolvimento nessa fase da vida. A frágil arquitetura que sustenta empresários ambiciosos, comissão técnica leiga e mal remunerada e garotos sonhadores, mas sem embasamento físico, técnico e emocional, nasce fadada ao insucesso. Estamos vinte anos atrasados em relação ao modelo europeu, em que a formação especializada de treinadores com competência para identificar e formar talentos é uma preocupação permanente das federações de futebol.

Palavras-chave: categorias de base, crescimento e desenvolvimento, escolas de treinadores, especialização precoce.

ABSTRACT

The managers of Brazilian football have never bothered to train coaches for the grassroots leagues. To train children and teenagers, they have preferred to use former players needing to keep working to survive. However, possessing a vast experience as a professional football player has never been enough for one to understand the process of growth and development at this stage of life. The fragile architecture that supports ambitious agents, non-professional and underpaid staff and dreaming boys, and which has no physical, technical or emotional support, is born doomed to failure. We are twenty years behind the European model, in which the specialized training of coaches capable of identifying and training new talents is a permanent concern of football federations.

Keywords: *grassroots leagues, growth and development, coaching schools, early specialization.*



O futebol brasileiro sempre teve a seu favor a facilidade de escolher, entre centenas de milhares de crianças praticantes, aquelas que mais se destacam na modalidade. Se, por um lado, o excesso de oferta nos caracterizou como a “pátria do futebol”, sob outro ângulo relegou a plano secundário a preocupação com a formação de profissionais especializados para atuarem nas denominadas categorias de base.

Sempre foi mais fácil, e muito mais barato, prospectar talentos nas diferentes regiões do Brasil do que investir em recursos humanos e instalações apropriadas e bem equipadas dirigidos com competência. São poucos os clubes brasileiros que possuem centros de treinamento modernos e que buscam o apoio das universidades para o recrutamento de profissionais, de diversas áreas de conhecimento, tais como: medicina do esporte, fisiologia, psicologia, fisioterapia, nutrição, educação física e esporte, para compor a comissão técnica responsável por garotos e adolescentes de ambos os sexos.

Países cuja extensão territorial é muito menor que a do Brasil e com menos crianças motivadas para a prática do futebol tiveram que investir em métodos e aperfeiçoar procedimentos para estimular a adesão e o sucesso dos programas de treinamento.

O equilíbrio observado nas diversas competições internacionais disputadas entre equipes e seleções comprova que é possível formar bons jogadores atra-

vés de metodologia apropriada mesmo em países menos populosos que o nosso.

A Holanda, por exemplo, já disputou três finais de Copa do Mundo (1974, 1978 e 2010), foi semifinalista em 1998 e disputou as quartas de final em 1994. A participação em Eurocopas confirma a força da seleção representante dos Países Baixos, que foi campeã em 1988 e semifinalista em 1976, 1992, 2000 e 2004.

Como explicar os resultados obtidos por um país de pequenas dimensões territoriais e com 10% da população do Brasil? As crianças de lá não buscam o futebol

JOSÉ ALBERTO AGUILAR CORTEZ é professor do Departamento de Esporte e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Futebol e Futsal – Gepeffs da Escola de Educação Física e Esporte – EEF/USP.

ANTONIO CARLOS SIMÕES é professor do Departamento de Esporte, colaborador do Gepeffs e coordenador do Laboratório de Psicossociologia do Esporte – Lapse da EEF/USP.

RENÉ DREZNER é mestrando na área de Esportes pela Escola de Educação Física e Esporte da USP e colaborador do Gepeffs.

CONRADO PEREIRA DA COSTA é especialista em Fisiologia do Exercício, preparador físico do Clube Esportivo da Penha e colaborador do Gepeffs.

ALEX RONEY RIBEIRO DE OLIVEIRA é professor da Secretaria de Esportes de Guarulhos e colaborador do Gepeffs.

CARLOS EDUARDO ARISSA VARGAS é pós-graduado em Fisiologia do Exercício pelo Cefe/Unifesp e colaborador do Gepeffs.

como uma das alternativas para ascensão social e encontram mais facilidades para experimentar e praticar outras modalidades esportivas coletivas e individuais.

Exemplos bem-sucedidos podem ser observados em países tradicionalmente fortes nas competições internacionais de futebol. A França, antes de sediar a Copa de 1998, procurou organizar a formação das crianças e adolescentes. Centralizou a supervisão do método de treinamento escolhido e implantado no país, treinando os profissionais responsáveis pela sua aplicação nas diferentes regiões.

A Alemanha, ao encontrar dificuldades para renovar o potencial das suas equipes, sem recorrer à contratação de estrangeiros, criou 29 centros especializados distribuídos pelo país visando à busca e à formação do talento futebolístico.

A Espanha, atual campeã do mundo, acumula vitórias nas categorias de base. O Barcelona é, sem dúvida, um dos clubes mais visitados pelos candidatos a treinar crianças e adolescentes.

O modelo brasileiro de treinamento para crianças e adolescentes, *na maioria dos clubes de futebol*, sempre foi adaptado e regionalizado. Os profissionais responsáveis pela formação dos garotos, remanescentes do futebol profissional, ainda aplicam os mesmos tipos de treino que aprenderam durante a fase em que atuaram como atletas. Poucos treinadores procuram conhecer melhor os aspectos técnicos, táticos, físicos e psicológicos da modalidade para adaptá-los à faixa etária sob sua responsabilidade. Inexplicavelmente continuamos atribuindo à diminuição dos espaços, dos campos de várzea, a falta de competência para formar talentos na proporção numérica dos praticantes de futebol.

São raros os treinadores que conhecem como facilitar a aprendizagem e o controle das habilidades motoras aplicadas à modalidade, a maioria ignora a diferença entre idade fisiológica e idade cronológica, bem como a importância de respeitar as etapas de crescimento e desenvolvimento motor.

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL O processo visando à formação de jogadores de futebol de ambos os sexos é muito longo e complexo, contemplando diversas etapas de treinamento e seleção até o nível de alto rendimento. Da infância até a adolescência duas fases se destacam: iniciação e especialização.

ETAPA DE INICIAÇÃO A fase de iniciação é caracterizada pela descoberta e identificação com a modalidade. Os primeiros contatos com a bola podem acontecer em vários lugares (família, escola, clube), mas as escolinhas de futebol é que se destacam como os espaços preferidos para o batismo.

A literatura tem demonstrado que os jogadores que obtiveram êxito em suas carreiras iniciaram precocemente a prática específica do futebol. A iniciação aconteceu por volta dos 8 anos de idade e contraria o que se recomenda sobre a necessidade de proporcionar múltiplas experiências motoras para essa faixa etária.

A surpreendente constatação gera interessante debate sobre a especialização prematura porque os estudos não avaliaram quantas crianças desistiram do futebol tão precocemente iniciado. Por outro lado aumenta a responsabilidade dos treinadores das categorias menores. A antecipação dos treinos especializados precisa de respostas para questões relacionadas com métodos a serem aplicados, intensidade dos treinos, pressão por resultados, acompanhamento médico, psicológico e nutricional além de monitoração das relações familiares.

“O treino tem que ser divertido. As crianças praticam esportes para se divertir, portanto as atividades precisam ser estimulantes” (*Sports Illustrated For Kids Readers*).

No passado era diferente, as crianças participavam de brincadeiras de rua, e os campos de “pelada” eram os espaços livres onde as irregularidades do terreno de jogo e os diferentes tipos e dimensões da bola exigiam contínua improvisação. Com criatividade as crianças se acomodavam em novas dimensões para o espaço de jogo e se adaptavam a todas as formas esféricas ou ovais ousando na originalidade dos movimentos. O futebol era praticado com os pés descalços, com bolas improvisadas e regras consensuais. Os pais não pressionavam os filhos porque a “profissão” de jogador de futebol não era bem remunerada e nem bem-vista pela sociedade.

A ocupação imobiliária dos terrenos, a falta de segurança nas ruas e o aparecimento de novas formas de lazer contribuíram para dificultar a prática e a recreação espontânea e sem cobranças.

As classes menos favorecidas foram deslocadas para núcleos residenciais distantes e desprovidos de qualidade de vida. A falta de condições de saúde, de



CT do São Paulo Futebol Clube, uma das poucas equipes brasileiras que oferecem condições diferenciadas para o treinamento das categorias de base

educação e de segurança afastou as crianças do lazer e as aproximou da criminalidade. Nesse novo cenário o futebol passou a ser uma opção de perspectiva de promoção social, mas os vícios e a violência também disputavam, e continuam disputando, “os atletas” para as agremiações do crime. Nas escolas públicas da periferia, a falta de locais adequados e de material esportivo para as aulas de educação física, quando elas acontecem, contribuiu, ainda mais, para afastar as crianças do esporte.

A classe média, movida pela necessidade de ocupar o tempo das crianças em condições seguras e supervisionadas, trocou a prática na informalidade pela alternativa formal proposta pelas escolinhas de esportes, em particular, de futebol. Nesses locais, crianças com pés calçados com chuteiras de grife, tocando bolas com o selo de qualidade Fifa em gramados sintéticos, tentam reproduzir as habilidades dos ídolos dos grandes times do país e do mundo. Os responsáveis pela iniciação, jovens estagiários ou com diplomas recentes

emitidos pelas inúmeras faculdades de educação física e esporte, também são aprendizes e sem a experiência necessária para desempenhar a função.

“É preciso ser professor. As crianças jogam por prazer, mas, se perceberem que não estão evoluindo, perdem a motivação” (*Sports Illustrated For Kids Readers*).

A realidade é outra onde os pais pagam para os filhos, em grupos heterogêneos, aprenderem os fundamentos do jogo com professores que adéquam a metodologia ao local da prática e material disponível. Mesmo assim, os maiores ídolos do futebol atual, Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar, atraem para as escolinhas milhões de crianças, em todo o mundo, que tentam executar pedaladas e outros dribles criados ou aprimorados por eles. São as ações de jogo com bola que motivam as crianças e despertam a vontade de aprender pela imitação.

Os professores dessas escolinhas contam, a seu favor, com os recursos da televisão e da internet, que permitem contato visual imediato e mais intenso com os lances que acontecem em todos os estádios do mundo, cujas imagens são repetidas à exaustão, facilitando a aprendizagem.

Esse modelo de escola pode não ser o melhor para o aprimoramento da compreensão do jogo, estratégia e tática, mas tem papel importante no desenvolvimento das relações sociais, formação do caráter, melhora da aptidão física, das habilidades motoras e do prazer pela prática esportiva.

Do ponto de vista organizacional, as boas escolinhas devem contar com pessoal qualificado para a atividade fim, que não é formar garotos para o esporte profissional. A criança, independente do seu potencial, deve percorrer etapas no processo de formação esportiva. Planos de treinamento intensos, com exigências físicas e psicológicas estressantes, prejudicam o processo de ensino-aprendizagem.

As escolas formadoras vinculadas aos grandes clubes de futebol em nada se assemelham aos modelos citados. Para fazer parte dos programas de treinamento das categorias de base dos principais clubes, o garoto já passou por etapas anteriores. A estrutura seletora que encaminha as crianças e os adolescentes para o profissionalismo é composta por olheiros, empresários, franquias de escolinhas com o nome de times, etc.

ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO A etapa de especialização deve priorizar, com mais frequência, o aperfeiçoamento técnico, tático e da condição física. Os treinos são caracterizados pelo aumento da carga de trabalho (maior número de sessões semanais) e pela especificidade (situações de jogo). Os jovens, entre 14 e 20 anos, são mais testados emocionalmente, com maior exposição às situações de competição.

O delicado período de crescimento e desenvolvimento na faixa etária entre 13 e 16 anos de idade, que não acontece na mesma velocidade para todos, exige individualização de procedimentos considerando a precocidade de alguns e o desenvolvimento mais tardio de outros.

Nessa fase, os jogadores com desenvolvimento mais precoce apresentam grande vantagem física momentânea em relação aos jogadores de maturação tardia. A diferença influencia demasiadamente no rendimento e na seleção dos atletas. Os jogadores de maturação precoce e os jogadores que nasceram nos primeiros meses do ano levam vantagem quando comparados com os nascidos no final do ano e com aqueles cuja maturação é mais tardia. Em esportes coletivos como o futebol, encontramos numa mesma equipe crianças com a mesma idade cronológica, mas apresentando diferentes graus de desenvolvimento. O

desconhecimento desses fatores que influenciam nas respostas neuromusculares faz com que a maioria dos treinadores exclua jogadores habilidosos e potencialmente talentosos do processo de formação.

A especialização esportiva, a busca do talento e a excessiva competitividade podem levar a um esgotamento prematuro da capacidade de rendimento, prejudicando o processo de formação esportiva. As situações estressantes associadas à fadiga física podem afetar negativamente o crescimento e o desenvolvimento.

Fato comum que ocorre nas competições organizadas para as categorias de base no futebol é a não adequação das regras e regulamentos, do local da prática e da bola. A falta de padronização dos procedimentos e da adequação do tamanho e peso da bola, dimensões do campo e das metas, etc., para as diferentes faixas etárias, é incompreensível porque deixa, a critério de pessoas nem sempre qualificadas, a responsabilidade para decidir.

Modelos europeus A escola de futebol da Holanda, particularmente a do Ajax, um dos clubes mais tradicionais daquele país, é um dos exemplos do sucesso da competência dos responsáveis pela seleção e formação de garotos talentosos. Cada jogador é avaliado de acordo com o sistema denominado TIPS, que engloba *técnica, inteligência, personalidade e velocidade (speed)*. A avaliação da personalidade é centrada em aspectos tais como criatividade, audácia, carisma e autoconfiança.

A escola de futebol da Real Federação Espanhola também parte de uma fórmula idealizada por Iñaki Sáez (treinador da seleção espanhola entre 2002 e 2004) para a seleção de talentos. As crianças precisam ser diferenciadas em relação:

- aos três Cs – *calidad, carácter e competitividad*;
- aos dois Vs – *velocidad física e velocidad mental*;
- a um E – *equilibrio psíquico*.

Os resultados brilhantes conquistados pelo futebol espanhol começaram nas categorias de base do Barcelona, onde treinadores competentes lapidam os garotos habilidosos e os preparam para enfrentar as pressões do futebol profissional. Desde muito cedo, sem serem cobrados por conquistas imediatistas nas divisões de formação, os garotos descobrem que o passe é o fundamento mais importante do jogo coletivo. Percebem que a movimentação constante facilita a ação do companheiro que tem a posse de bola, aumentando o número de alternativas para retê-la.

QUADRO 1
COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR

| Participações | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|----------------------|--------|--------|-------|-------|--------|
| Equipes | 66 | 32 | 17 | 15 | 43 |
| % | 38,15% | 18,50% | 9,83% | 8,67% | 24,86% |

Ver o Barcelona jogar é aprender que um passe bem-feito é um drible, não dá chance para o adversário se antecipar e não facilita ações faltosas de jogadores limitados. Na Europa as equipes só contratam técnicos que se habilitaram nas escolas de formação de treinadores e vocacionados para o trabalho com crianças.

No Brasil O Brasil é caracterizado mundialmente como o grande exportador de jogadores. Além disso, o país possui milhares de equipes de diferentes níveis competitivos espalhadas por todo o território nacional.

Todas elas, mais os olheiros nacionais e internacionais, formam uma grande rede de captação de jogadores modulada pela força econômica.

Desde cedo os clubes mais fortes fazem processos seletivos para a formação de suas equipes de futebol e futsal, e os melhores jogadores, que se destacaram defendendo equipes menores, são seduzidos pelas agremiações de maior prestígio. As crianças, precocemente introduzidas no sistema competitivo, ou sofrem pela frustração de serem descartadas ou ficam inseguras quando são obrigadas a viver longe de suas famílias em alojamentos coletivos.

A pressão sobre elas aumenta com a chegada de novos candidatos, com mudanças de técnicos e dirigentes e, principalmente, com a cobrança dos empresários responsáveis pelas carreiras das jovens promessas.

No passado os clubes do interior e os campos da várzea formavam gerações espontâneas de craques que jogavam sem ser persuadidos e controlados por empresários ávidos pelo lucro imediato. Os jovens não eram premiados pela sociedade consumista e nem pela necessidade de proporcionar melhores condições financeiras para a família. O prazer de jogar e a liberdade para criar eram a receita para a formação de jogadores versáteis e descontraídos.

Atualmente os pequenos que se destacam são asediados pela rede de olheiros ligados a empresários e, muitas vezes, os pais aceitam ficar presos a compromissos na esperança de oportunidades para os filhos. Equipes são formadas sem a menor perspectiva de sucesso porque os alicerces não são construídos sobre estruturas de apoio sólidas e nem com a mão de obra especializada para o trabalho com jovens.

A frágil arquitetura que sustenta empresários ambiciosos, comissão técnica leiga e mal remunerada e garotos sonhadores, mas sem embasamento físico, técnico e emocional, nasce fadada ao insucesso.

A Copa São Paulo de Futebol Júnior é um reflexo dessa desastrosa realidade. Mais de noventa equipes, de diferentes regiões do Brasil, não conseguem revelar jogadores diferenciados na proporção do número de participantes. Bem diferente daquilo que acontecia quando o futebol era praticado com mais liberdade. Recente levantamento realizado pelos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Futebol e Futsal (Gepeffs) da Escola de Educação Física e Esporte da USP mostrou que 38% das 173 equipes que participaram de cinco (2008, 2009, 2010, 2011 e 2012) das seis últimas edições da Copa São Paulo só se apresentaram uma vez na competição (Quadro 1).

Se contabilizarmos as equipes que só participaram de uma das edições com aquelas que marcaram presença em duas, chegaremos a 56% do total. Portanto, mais da metade das equipes não tem tradição e é montada apenas para explorar a visibilidade proporcionada pela importância da Copa São Paulo.

A maioria delas pertencia a empresários que conseguiram a inscrição de equipes com pouca chance de sucesso e nítida intenção de colocar, na maior vitrine do futebol, garotos que sonham com a possibilidade de jogar em grandes clubes.

O que se viu foi que, das 66 equipes que só participaram de uma das copas, 63 foram eliminadas na primeira fase e, pior, algumas saíram sem conquistar uma única vitória (Quadro 2).

Nossos clubes investem muito e errado nas equipes principais e se esquecem que os grandes responsáveis pela formação trabalham nas categorias de base. Pagam fortunas para treinadores da elite, nem sempre competentes, e salários irrisórios, que desestimulam a presença de especialistas no treinamento de crianças e adolescentes.

A formação dos treinadores de futebol para as categorias de base

“O futebol brasileiro precisa de técnicos novos, diferentes, que gostem de vencer e de bons espetáculos, que sejam intuitivos, sonhadores e também racionais, científicos e que saibam observar, imaginar, e não apenas repetir informações, estatísticas e estratégias” (Tostão, in *Folha de S. Paulo*, 2012).

Em fevereiro de 1993 uma comissão composta por membros representantes de vários países filiados à Union of European Football Associations – Uefa se reuniu para estabelecer uma proposta definitiva para a criação de uma licença europeia para treinadores de futebol. Naquela oportunidade:

- 1) em comum acordo, as federações nacionais, sob a direção da Uefa, decidiram padronizar e aperfeiçoar a formação dos treinadores do futebol europeu;
- 2) publicar instruções relacionadas com as estruturas dos cursos para técnicos de futebol organizados sob o patrocínio da Uefa;
- 3) regulamentar, em três níveis de categorias, a formação dos treinadores (níveis A, B e Licenciado);
- 4) melhorar o *status* do treinador europeu e a qualidade da formação dos treinadores vinculados à Uefa.

O objetivo do curso nível A, treinador básico, que visava à formação de especialistas para trabalhar na iniciação e especialização, tinha como disciplinas teóricas obrigatórias:

- crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes;
- objetivos do treinamento em diferentes segmentos de instrução;
- métodos de ensino;
- concepção e evolução do jogo;
- comportamento da equipe (higiene, alimentação, etc.);
- primeiros socorros;
- motivação psicológica dos jovens;
- regras e regulamentos do jogo e arbitragem;
- análise de jogo;
- treinamento físico, técnico e tático (sistemas e organização coletiva).

O treinador deveria se capacitar para ser o responsável e contribuir com o desenvolvimento da personalidade para tomar decisões além de reconhecer os jogadores talentosos e ajudá-los a progredir.

O que fica evidente é que, no início da década de 1990, os países europeus se mobilizaram para dar melhores oportunidades de formação para todos os treinadores, inclusive para os responsáveis pelas etapas iniciais do treinamento de futebol. No Brasil, só em 1993 é que foi sancionada, pelo então presidente Itamar Franco, a lei que determinava que os contratos dos treinadores com os clubes deveriam ser registrados nas respectivas federações estaduais. A lei nunca foi cumprida, e os treinadores não têm direito, até hoje, aos benefícios trabalhistas. Sem garantias, não existe estabilidade profissional e muito menos condições para o aperfeiçoamento.

A realidade aqui é outra. A própria CBF e as federações de futebol ligadas a ela nunca se preocuparam com a formação dos treinadores que atuam no futebol

QUADRO 2
EQUIPES QUE PARTICIPARAM UMA VEZ

| Colocação | 1F | 2F | 4F |
|-----------|--------|-------|-------|
| Equipes | 63 | 2 | 1 |
| % | 95,45% | 3,03% | 1,52% |



Atacante do São Paulo em partida contra a Portuguesa pela Copa São Paulo de Futebol Júnior

profissional e *muito menos com a formação dos técnicos responsáveis pelas categorias de base.*

A CBF, só recentemente, a partir de 2011, começou a oferecer Curso Oficial de Treinadores em parceria com a PUC Minas. Entre as disciplinas abordadas estão psicologia, gestão, direito e táticas do esporte. O curso é dividido em três níveis:

- Nível 1 – qualificação básica;
- Nível 2 – categoria de base;
- Nível 3 – categoria profissional.

A iniciativa está longe de atender às necessidades de um país com dimensões continentais como o nosso.

Para preencher essa lacuna, os grandes clubes brasileiros construíram modelos próprios de métodos de treinamento quando começaram a mesclar a experiência de ex-jogadores de futebol com o conhecimento teórico-prático dos profissionais formados nas faculdades.

É importante destacar que a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo diplomou vários treinadores no final da década de 1960 e início da década de 1970 em cursos técnicos de especialização para diferentes modalidades. Na época chegou a receber alunos de países da América Latina que eram atraídos pelo sucesso do futebol brasileiro e pelo prestígio dos professores Mário Miranda Rosa, Clodoaldo Mesquita e José de Souza Teixeira.

O curso foi interrompido durante muitos anos e só voltou a ser ministrado em meados da década passada como pós-graduação *lato sensu.*

A falta de apoio da Federação Paulista de Futebol e a dificuldade para atrair candidatos devido à não obrigatoriedade do diploma para atuar como treinador acabaram justificando o encerramento do curso.

A carência de profissionais devidamente habilitados para atuar no treinamento de crianças e adolescentes no país pentacampeão de futebol explica, em parte, os motivos que justificam a fuga de garotos talentosos para o exterior. Técnicos leigos sem conhecimento pedagógico, didático e psicológico para elaborar estratégias de intervenção são os grandes responsáveis pelo abandono precoce de jovens que se desiludiram com a carreira futebolística.

O desenvolvimento de qualquer modalidade se alcança, entre outras variáveis, mediante o fortalecimento educacional e a formação mais completa dos seus atores.

Os treinadores são importantes no processo de formação em esportes como o futebol. Eles são os responsáveis por guiar o desempenho dos jogadores no campo de jogo e também são líderes fora dele. Devem ser os verdadeiros maestros cujos ensinamentos alcançam todos os âmbitos de suas relações com jogadores, colegas, dirigentes, imprensa, etc.

“É importante formar treinadores que contagiem os aprendizes com alegria e amor à arte e não destaquem os aspectos menos agradáveis do jogo que exigem sacrifícios, mas sim seu lado mais luminoso e estimulante” (Cruyff).

O treinador acompanha as crianças que praticam futebol em viagens e, muitas vezes, assume a posição de pai – o que ensina poderá marcar condutas para sempre.

A formação de treinadores cultos e éticos, com conhecimentos específicos e capacidade para o desempenho profissional, deveria ser prioridade das federações em parceria com as universidades. Quem sabe agora, com a criação da Federação Brasileira dos Treinadores de Futebol, a profissão conquiste o respeito e a valorização dos profissionais que, amparados pelas leis trabalhistas, possam encontrar motivação para estudar e aperfeiçoar seus métodos de trabalho.

CONCLUSÃO “Toda criança tem direito de ser ou não um campeão” (*Carta dos direitos da criança no esporte elaborada por treinadores esportivos de Genebra*).

No processo de formação para a prática de futebol, tanto na etapa de iniciação quanto na de especialização, o sucesso não se dimensiona, apenas, pelo número de garotos e adolescentes que chegaram ao profissionalis-

mo. O grande diferencial é contabilizar os resultados positivos que contribuíram para o acesso à cidadania.

O treinamento supervisionado por especialistas remunerados condizentemente e estimulados ao aperfeiçoamento constante tira do mercado os oportunistas, que se contentam com pouco porque muito menos podem oferecer.

Conhecer as alterações funcionais, morfológicas e psicológicas da criança e do adolescente deveria ser um dos diferenciais dos candidatos a trabalhar com qualquer modalidade esportiva. No futebol, como em todos os esportes, poucos garotos e garotas se mostrarão aptos a fazer parte da elite, mas todos precisam encontrar treinadores aptos a estimular a prática saudável do esporte.

A formação multidisciplinar do treinador das categorias de base deveria ser obrigatória nas condições atuais, em que a competitividade é cada vez maior e as etapas são cada vez mais reduzidas na busca do sucesso em curto prazo.

A orientação especializada, desprovida de interesses imediatistas e não refém dos empresários da bola, estimula a prática espontânea e encoraja a criança a construir ideias e valores indispensáveis à formação humana nas diferentes situações que o esporte proporciona.

A competitividade sadia e não excludente, em que se aprende a importância da cooperação, do compartilhamento, da possibilidade de criar e opinar, coloca o futebol e as modalidades coletivas em evidência dentro do processo educacional.

O modelo vigente, em que se buscam o alto rendimento, vitórias, *status* e satisfação da vaidade e dos objetivos financeiros dos pais e dirigentes, afasta grande número de praticantes. Muitos garotos talentosos não se submetem a lideranças autoritárias e abandonaram, precocemente, o futebol. Aos clubes formadores, cabe a responsabilidade de oferecer estruturas compatíveis com as necessidades das diferentes faixas etárias e a contratação de profissionais competentes comprometidos com a qualidade dos procedimentos de treino.